

qui, 27 mar 2014 09:25:00 -0300

Meninas que fazem Matemática

Na Olimpíada Brasileira de Matemática nas Escolas Públicas (OBMEP) 2013, o percentual de meninas medalhistas de ouro foi de 13%, de Prata 19% e de bronze 23%. No total aproximado de 6 mil medalhistas, cerca de 1.300 eram meninas. No Programa de Iniciação Científica da OBMEP, o percentual da participação feminina foi de 31% na atual edição. Diante deste cenário, percebe-se que as meninas ainda são minoria entre os premiados, em especial, na categoria ouro.

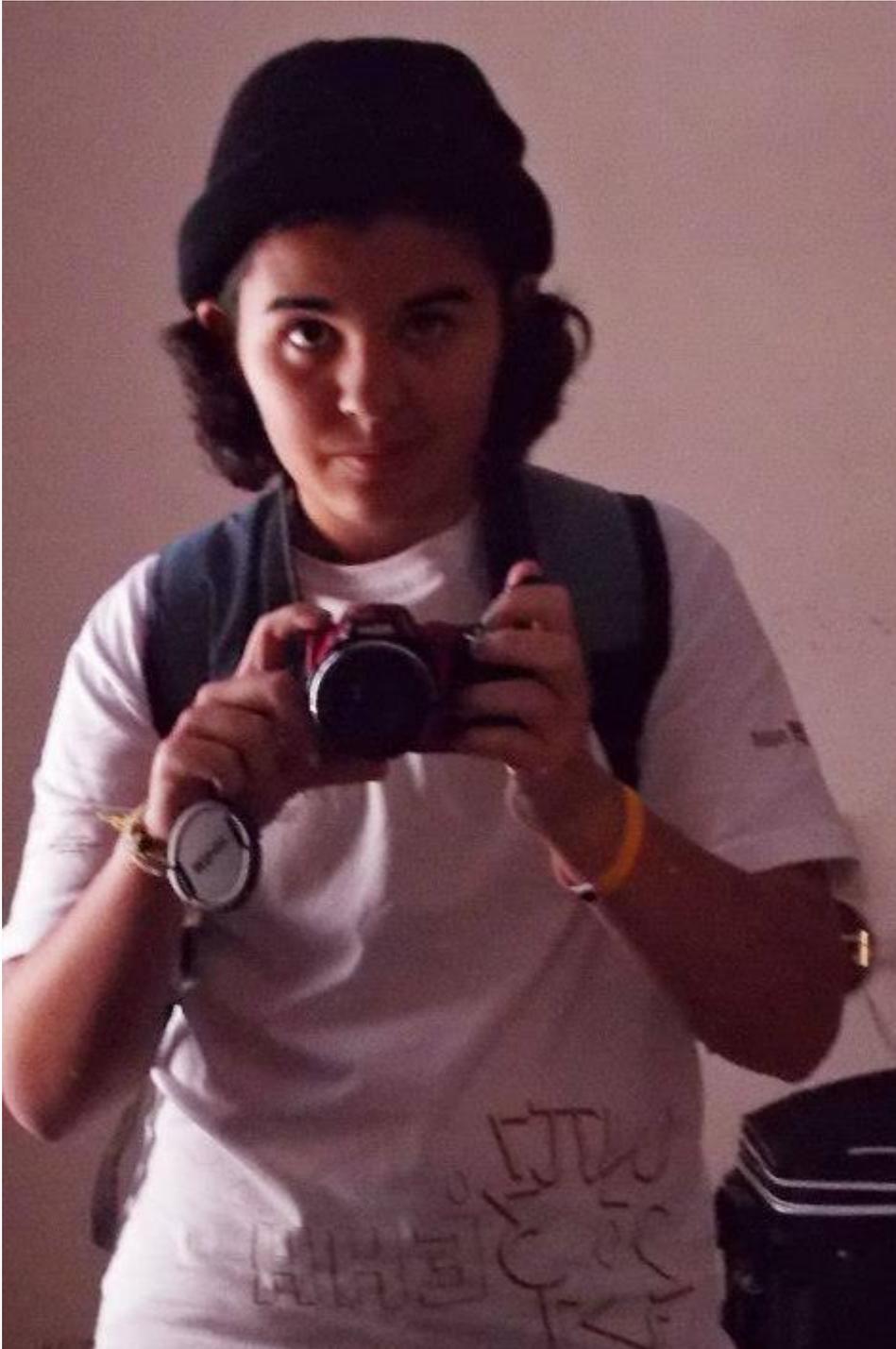
Percentual última premiação

PREMIACAO	TOTAL	MASC.	(%M)	FEMIN.	(%F)
Ouro	499	433	87%	66	13%
Prata	900	727	81%	173	19%
Bronze	4600	3533	77%	1067	23%

A Olimpíada Brasileira de Matemática nas Escolas Públicas ocorre desde 2005 e tem como objetivo fortalecer o ensino de matemática bem como despertar e revelar talentos para esta área de estudo. Os medalhistas podem participar por doze meses do Programa de Iniciação Científica da OBMEP (PIC-OBMEP), que é resultado de uma parceria entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Em 2014, serão oferecidas seis mil bolsas de Iniciação Científica Júnior. Desde o início até hoje, o CNPq já concedeu cerca de 30 mil bolsas de Iniciação Científica Júnior (IC-Jr) no âmbito deste programa.

O PIC-OBMEP é um programa dirigido aos premiados da OBMEP, com duração de 12 meses, que visa contribuir com o aprendizado em matemática e na independência do raciocínio analítico. Também pretende despertar novos talentos para a pesquisa nas áreas de exatas e tecnológicas. O programa é desenvolvido em polos distribuídos pelo país. Em 2013, o PIC-OBMEP contou com 4.500 bolsistas distribuídos em 167 polos pelo Brasil. Lá, os estudantes contam com a orientação de professores especializados, que desenvolvem tarefas como discussão e realização de atividade em um fórum virtual e atividades presenciais. O material didático é diferenciado por nível em que o bolsista se enquadra.

O Popciência entrevistou duas dessas jovens para saber o que elas pensam sobre essa iniciativa :



Anna Carolina Gomes Toledo*

Como você percebeu que gostava de matemática?

Desde pequena eu fui "criada" em meio aos livros da biblioteca da minha casa e sempre gostei de revistas com curiosidades e desafios de raciocínio. Quando comecei a estudar na primeira fase do ensino fundamental, percebi com muita frustração que este não era um assunto muito popular entre as crianças; só na segunda fase é que tive contato com uma fantástica professora de matemática que estimulava os alunos com desafios semanais de lógica. Por meio dela passei a levar este assunto mais a sério e a estudar conteúdos avançados no contra-horário. Com o primeiro contato com a OBMEP, meu gosto pela matemática se tornou concreto e correspondido.

O que o Programa de Iniciação Científica da OBMEP mudou na sua vida?

Me apresentou a um novo universo, através do qual tive o prazer de conhecer pessoas com igual paixão por exatas, o que infelizmente é algo difícil em cidades do interior, e descobrir todo um modo autodidata de estudar matemática. A experiência com grandes professores na área e conteúdos diferenciados, além de um contato direto e intenso com matemática todos os dias no fórum, foi sem dúvida uma experiência estimulante para minha vida acadêmica, ao passo que também me tornou um exemplo para meus colegas de sala, que hoje também se interessam em estudar matemática para alcançar bons resultados na OBMEP.

O que pensa em escolher como profissão?

Confesso que antes do PIC, cursar matemática era apenas mais umas das várias opções (de exatas) que eu cogitava, mas agora que caminho para o terceiro ano como estudante do Programa, cursar licenciatura em matemática é mais que um objetivo, é um modo de retribuir e também contribuir para as novas gerações de "meninas da matemática".

Você percebe alguma discriminação por ser menina e gostar de matemática?

Acho que não diretamente discriminação, mas uma supremacia masculina na área de exatas é, de certa forma, um fato um tanto desconfortável para a ala feminina em sala de aula. Tive uma professora de matemática durante o sexto e sétimo ano e depois majoritariamente todos os professores de matemática, física, química e biologia foram apenas homens. Quando conquistei uma medalha de ouro na OBMEP, fui a única garota para a premiação em toda a delegação de Goiás. Dentro do próprio ranking nacional de medalhas é possível notar que há mais garotos que garotas nas melhores colocações. O PIC é um dos locais onde se percebe a mais homogênea participação de ambos os gêneros na área administrativa e didática, mas este é um fato ainda muito distante do ensino público em geral, onde permanece resquícios do pensamento antiquado de que mulheres são filhas de coronéis e ensinam crianças a ler, e homens são os futuros universitários que vão para capital do Estado para estudar engenharia e continuar o legado dos negócios na indústria da família.

* Anna Carolina é da cidade goiana de São Luis de Montes Belos e é nossa bolsista no PIC-OBMEP desde o ano passado.

Premiação OBMEP 2013: Ouro

Premiação OBMEP 2012: Menção honrosa

Premiação OBMEP 2011: Ouro



Gabriella Maria Radke Chaves **

Como você percebeu que gostava de matemática?

Eu tinha alguma inclinação e facilidade com a matemática desde pequena, mas a partir da 4ª série (quando minha professora nos ensinava "coisas extras"), comecei a ter essa paixão despertada. Mas notei que gostava de matemática mesmo na 5ª série, sendo que só ano passado, numa escola de verão na Alemanha, decidi que é isso que quero fazer na minha vida.

O que o Programa de Iniciação Científica da OBMEP mudou na sua vida?

Me deu oportunidade de expandir meus horizontes, aprender coisas que não saberia que existiam se dependesse só do currículo normal. Além disso, eu pude ter contato com gente que gostava da mesma coisa que eu, o que é muito gratificante, pois todos os alunos, professores e monitores são muito dedicados. Participar do PIC não me trouxe só um background maior de matemática, mas sobre a vida.

O que pensa em escolher como profissão?

Quero ser matemática! Pesquisadora (e por consequência, professora).

Você percebe alguma discriminação por ser menina e gostar de matemática?

Dentro da área de matemática nunca sofri discriminação. Acredito que essa disciplina é bonita justamente por isso, ela não permite esse tipo de coisa (ou a pessoa tem problemas sérios e não merece respeito). Agora, dentro da área de ciência e tecnologia, já sofri sim. Talvez não de uma forma direta, mas algumas vezes não pude participar de um projeto simplesmente porque somente meninos eram selecionados (apesar da seleção ser aberta). E não adianta quanto eu falei que é injusto não ter uma menina lá, porque várias delas são mais qualificadas que o participante masculino. Me responderam que sou

paranoica e que não é assim, já que a proporção de meninos é sempre maior que a de meninas (o que não justifica). Além disso, já notei que, se a menina falhar em algum momento no projeto, a culpa que colocam nela pode ser maior caso fosse um menino. Mas creio que isso foi uma construção social do passado que está sendo destruída aos poucos. As mulheres, de fato, têm conquistado espaço e quebrando barreiras formais (mas ainda restam as psicológicas...), mas é deprimente saber que quanto maior o grau hierárquico de uma posição, menos mulheres você encontrará lá.

** Gabriela é catarinense da cidade de Joinvile e é bolsista do PIC-OBMEP desde 2010.